

“ANOS DOURADOS: PRAÇA SIQUEIRA CAMPOS”: ENTRE NARRATIVAS E ESPAÇOS JUVENIS DA DÉCADA DE 60 NA CIDADE DO CRATO

MARIA DAÍSE FELIPE DE OLIVEIRA OLIVEIRA
SEDUC-CE
maria-daise@hotmail.com

RESUMO

O artigo está ligado à temática “Cultura e Cidades”, relacionando-a com ao campo da história cultural. Assim que na nossa pesquisa pretendemos descortinar os atores sociais que formularam uma sociedade e seu cotidiano na urbe na década de 60 do século passado, na cidade do Crato - CE. Tendo como principal objeto de estudo os espaços que serviram como palco para que a juventude cratense. Vamos trabalhar com fontes escritas, mais especificamente com o jornal católico A Ação e um livro de memórias “Anos Dourados: Praça Siqueira Campos”. Importa considerar que compreendemos o jornal e o livro como Gomes afirma um “lugar de memória” portanto, atribuindo assim visões de mundo e paixões de quem o escreve; e história oral de vida com algumas jovens que escreveram o livro em forma de blocos de perguntas amplos para que o colaborador possa mergulhar em suas lembranças e recordações do passado. Dessa forma foram desenvolvidas análises sobre a memória destes jovens sobre suas práticas e os espaços cidadão.

Palavras-chave: Cidade; espaços; juventude.

INTRODUÇÃO

Ao falarmos sobre a cidade do Crato vários signos veem a mente: a chapada, a cidade da cultura, a Universidade Regional do Cariri (URCA), festival da canção, e as praças e ruas, clubes, festas. Entre uma dessas praças da cidade se destaca à Praça Siqueira Campos. O objetivo desse artigo é revisitar esses logradouros, fazer suscitar as vozes e memórias de seus frequentadores.

Como um espaço ainda vivo da cidade, é interessante o procedimento que possa fazer reviver pela história os dias idos de outrora na dimensão da memória dos sujeitos. Podemos assim compreender esses lugares ou a cidade como portadora de “sentidos, a que se dá o nome de imaginário. Mais do que espaços, ou seja, extensão de superfície, eles são territórios, porque apropriados pelo social” (PESAVENTO, 2008, p.3). Assim os espaços da cidade se fazem como espaços que são utilizados pelos moradores, transeuntes, turistas e todos estes vão dando e formando um ou vários significado(s) ao local, ou atribuindo imagens de passado, construindo memórias afetivas e narrativas. O objetivo do presente artigo é essa rememoração desse espaço pelos jovens daquela época.

Pois, compreendemos que a cidade não é só passível a análise sobre o discurso dos médicos higienistas, arquitetos e pela produção econômica, ela também é passível a análise de seus atores sociais por entendê-la como um palco para que as tramas da vida e de seus habitantes se desenrolem ao passo das contradições, lugares de conflitos, formas de lazer e convivência. Assim o cotidiano das pessoas e suas práticas cidadinas, suas formas de interação social e as produções de sentidos da época.

Mas para que cheguemos até este ponto é necessário situarmos a Cidade de Crato no recorte temporal e local da pesquisa.

“SHOU DA CIDADE”: OS ESPAÇOS JUVENIS

Vamos imaginar um local que reunisse todos os cidadãos, sem distinção, este lugar seria uma praça. Pela manhã pessoas que vão à cidade para resolver negócios, fazer compras, quando finalizam os afazeres descansam um pouco nas sombras das árvores; à tarde os populares que residem próximo vão para ter conversas amenas, jogos de tabuleiros; e a noite a juventude que polvorosa começa a agitar sua vida social. A Praça Siqueira Campos era este local no Crato.

Tendo como nas suas proximidades uma estrutura de cinemas, café, sorveteria e lojas, no caso os cines cassino e Moderno, o Café Líder, a sorveterias Bantim e a loja Azteca, a praça, no coração do Crato, era, além do coqueluche, o centro da moda e o local de encontro dos brotos do lugar... Enfim, ela a noite, era o ponto chique de todo o Cariri (AQUINO, 2009, p.17).

Assim o logradouro da Praça Siqueira Campos pode ser entendida como um lugar de fruição, um lugar de destaque nas tramas da cidade que se fazem e refazem com o passar do tempo e das narrativas, lugar de afirmação e caracterização de grupos. Pois:

caracterizam por sediarem um ethos urbano. Uma maneira de ser, um estilo de vida, uma performance cidadina de comportamento. É lá, no coração do urbano, que se abriga esta energia e que se constitui este elemento, comportamental, simbólico e intrínseco à modernidade, como um jeito especial de agir e ser habitante de uma cidade (PESAVENTO, 2008, p. 7).

Tendo em vista essa caracterização um dos principais logradouros da cidade era a Praça Siqueira Campos, sempre que perguntarmos pela cidade ao algum transeunte esse vai referir-se a esta que era o ponto de encontro entre dos cidadãos daquela sociedade. Mas quais cidadãos ou grupos nos interessam nessa pesquisa?

Como o propósito desta pesquisa é analisar os espaços da cidade do Crato como palco para os jovens, passa a interessar a analisar os ecos, as formas de recepção da juventude, os usos e táticas no meio de interação urbana na praça. Com isso vamos aos poucos destrinchando esses conceitos e o referencial teórico que dará suporte para o seu desenvolvimento. Vejamos a seguir o conceito e a historiografia sobre os jovens e a juventude.

Para o entendimento destas táticas nos espaços é importante sabermos primeiro quem são estes atores, a juventude. Compreender que a juventude não é entendida apenas como um dado biológico, ela está diretamente relacionada às culturas e o significado que a sociedade dá a esta fase do corpo humano.

Após a segunda guerra mundial, a juventude passa a ocupar crescente lugar de destaque nos diversos campos: na ciência, no Estado, na Igreja, no mercado e na mídia. Neste período se consolida um discurso jurídico, um discurso escolar e uma florescente indústria, reivindicando a existência dos jovens como sujeitos de direito e como sujeitos de consumo (BARBIANI, 2007, p.141).

No pós-guerra os vários setores da sociedade passam a olhar mais atentamente para estas pessoas que estão em fase de transição intelectual, ademais de biológica e passam a construir vários discursos de acordo com um campo específico, onde a juventude é temática heterogênea: gêneros, culturas, grupos, etnias, religiões, classes. Portanto, portadora de historicidade “a juventude é uma condição constituída pela cultura, mas que tem, por sua vez, uma base material vinculada com a idade, com a facticidade que essa categoria encerra” (BARBIANI, 2007, p. 143). E estes jovens de forma (des) organizada criam.

Os estilos e culturas juvenis são as formas pelas quais vai-se configurando a experiência da condição juvenil. Os sujeitos jovens procuram ingressar na esfera pública de diversas formas (através da música, do trabalho, das expressões culturais, etc.), construindo formas próprias de sociabilidade, exercitando a convivência social e o contraditório espaço das diferenças (BARBIANI, 2007, p. 147)

E assim estes jovens e esta juventude atribuíram sentidos aos espaços da cidade. Para isso vamos utilizar como referência Certeau e seu conceito de espaço:

O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito com produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de

programas conflituais ou de proximidades contratuais. [...]. Em suma o espaço é um lugar praticado (CERTEAU,1994: 202).

Dessa forma vamos entender espaço como um mister. Ele passa a existir pela sua utilização, apropriação, laços de identidade e pertencimento, memórias e recordações. Com isso é passível de análise da praça da cidade do Crato, pois as pessoas mais especificamente os jovens, tomam estes lugares para si e a transformaram em espaço. O que Pesavento denomina de cidade sensível “é aquela responsável por atribuição de sentidos e significados ao espaço e ao tempo que realizam *na e por causa da cidade*” (2007, p. 14-15).

Por isso a escolha do livro “Anos Dourados: Praça Siqueira Campos” publicado pela editora A Província em 2009 escrito por um grupo de amigas dos anos 60 sobre a memória de sua juventude na praça, os relatos dos encontros, passeios, cafés, flertes. Devemos analisar de forma mista, tendo cuidados parecidos com as formas do jornal e das entrevistas. Assim, como o jornal A Ação da década de 60 que estão disponíveis no Centro de Documentação do Cariri - CEDOCC, na Universidade Regional da Cariri. Assim que ao tomar um jornal ou periódico enquanto fonte é pertinente que se faça algumas perguntas: a qual grupo este jornal pertence; por qual grupo este jornal é consumido; qual sua periodicidade; qual o contexto político-social está inserido? Dessa forma o jornal é tomado aqui também como lugar de memória. Em resposta as essas perguntas o jornal A Ação era um periódico semanal ligado à Igreja que teve uma circularidade de mais de 20 anos.

Ser um lugar de memória implica ser também lugar de escolhas e de procedimentos porque a memória não é espontânea. Nos jornais, as matérias noticiadas foram sobre assuntos e eventos selecionados, escolhidos por critérios de edição (GOMES, 2007, p.179).

E assim entender que as linhas redigidas no livro e nos jornais são memórias dos grupos que também são feitas a partir da memória individual, se tornando em muitos casos uma amalgama.

Os vários textos que compõe o livro contam: dos volteios pela praça, das roupas escolhidas ansiosamente já na segunda- feira, dos flertes, de como aquele era um tempo bom. Essas memórias fazem parte não apenas da memória individual, mas também da memória coletiva. Essa memória “se desenvolve a partir dos laços de convivência [...]. ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo” (BOSI, 1994, p. 410-411). Por isso ao falar ou

escrever as suas memórias existe um filtro entre o esquecimento e a lembrança, o dito e o não dito, o individual e o coletivo.

Nas entrevistas foi utilizada a história oral de vida, que tem como objetivos e procedimentos desenvolvidos em blocos de perguntas amplos para que o colaborador possa mergulhar em suas lembranças e recordações do passado.

O sujeito primordial desse tipo de história oral é o depoente que tem maior liberdade para dissertar o mais livremente possível sobre sua experiência pessoal. Nesse caso, deve ser dado ao depoente espaço para que sua história seja encadeada segundo sua vontade. A experiência deve, desde logo, ser o alvo principal das histórias orais de vida, pois não se busca a verdade e sim a versão sobre a moral existencial (MEIHY, 2000, p. 62)

O objetivo com isso é fazer com que o colaborador mergulhe no seu íntimo e em sua fala suscite lembranças, emoções e outros elementos que o ajudaram pela memória a fazer parte deste local e construíram um sentimento de identidade. Por isso a escolha desses colaboradores não foi aleatória, foram escolhidas pessoas que tinham a Praça Siqueira Campos um elo em sua vida e jornada.

“ANOS DOURADOS: PRAÇA SIQUEIRA CAMPOS”

A praça está localizada no centro da cidade do Crato, foi construída no início do século XX, recebeu esse nome em homenagem a um notável comerciante da cidade. “O monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um lugar ligado à memória coletiva)” (LE GOFF,1990,p.536). Ao monumentalizar tem-se o ideal de deixar memorar e rememorar e para que se fixe na memória. Formando assim, um conjunto de fatores que faz o indivíduo se reconhecer como parte de um determinado grupo ou classe social, e a junção da memória e do monumento tem um papel importante na construção desse sentimento de pertença. E assim as teias das lembranças e memórias vão construindo o lugar, o espaço.

Vejamos o relato de senhor que atualmente é taxista na praça e na sua mocidade era frequentador do logradouro:

Era muito bom aqui, tranquilo. Não tinha esses problemas das drogas. Você passa uma noite aqui era os veín todo passeando. Quando eu era novo andava aqui, não era perigoso como é hoje. O espaço aqui tinha umas rolinhas, mas o espaço tá pequeno o pessoal passa

constantemente, não tem mais espaço para ela comer e deixaram até de vim à praça. Eu mesmo comprava comida e dava pra elas e alguém ainda me doava comida e alguém ainda chegou a me dá comida pra eu dá pra elas. Era as rolinha nova caia aqui do ninho a gente pegava, ajeitava, botava lá. Teve um rapaz aqui que chegou até levar pra casa pra terminar de criar e depois soltar. (TAL, entrevista concedida em 05 de junho de 2012)

Assim ao trabalhar no local de sua juventude o senhor Getulio evoca em sua fala memórias do passado e anseios do presente como o sentimento da insegurança pública e o faz sentir falta de um passado que em sua lembrança se faz sem grandes conflitos, sem violência onde a ingenuidade e apreço a natureza que o cercava naquele espaço.

Os lugares de memória de uma cidade são também lugares de história. História e memória são, ambas, narrativas do passado que presentificam uma ausência, reconfigurando uma temporalidade escoada. São representações que dão a ver um “acontecido” que, a rigor, não é mais verificável ou sujeito à repetição. Mas o tempo passado não é irrecuperável, uma vez que, através do imaginário, se faz presente no espírito, dando-se a ler e ver através de discursos e imagens (PESAVENTO, 2008, p.4).

E assim ao se lembrar dos dias idos da praça ele refaz a si e a praça em um misto de sentimentos e memórias que dão cor e vida à Praça Siqueira Campos que se faz presente na vida da cidade.

Outro aspecto importante da praça eram as festividades e reuniões políticas. Como sabemos nas praças as pessoas se reúnem e assim à Siqueira Campos era um dos palcos escolhidos para que os políticos da cidade lançassem suas candidaturas e apoio para outros candidatos.

Numerosos comícios políticos foram realizados, com maior ou menor sucesso, dependendo da simpatia do eleitor pelo candidato. Alguns se tornavam populares e eram exaltados, outros foram inexpressivos. Dependia da influência de quem os havia indicado ou de como era apresentada a proposta do governo, ou ainda, se eram invocados infortúnios da vida dos adversários políticos (FEITOSA, 2009, p.112).

A ida à praça acontecia principalmente aos domingos logo depois da missa, as moças ficavam dando voltas pela praça com seus grupos de amigas todas de braços entrelaçados e os rapazes ficavam ao redor da praça, sempre a observar as belas que volteavam.

Essas voltas e passeios significavam um momento de lazer; de uma liberdade- embora vigiada; de encontros com amigos; possíveis flertes; e também um espaço de distinção. Mas tinha o horário para chegar à casa que era reforçado pela Amplificadora Cratense um sistema de rádio que tocava a noite na praça e que controlava os horários dos jovens frequentadores “Com o hino do Crato era a hora de ir para casa, pois dentro de 15 minutos não ficava mais uma jovem na praça” (VILLAR, 2009, p. 10) dessa forma as moças eram vigiadas pelos pais com suas ordens e pela sociedade que estimavam o controle dos corpos. E se elas não voltassem no horário combinando sofriam retaliações: “O castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos” (FOUCAULT, 2014, p. 16). Se antes os pais impunham castigos físicos aos filhos agora se usa a tática de retirar-lhes o que mais gostavam, no caso, as voltas na praça no domingo como forma de punição pela regra descumprida.

Para estes jovens as noites de domingo na Praça Siqueira Campos era um evento muito importante, todos aguardavam ansiosamente, pois era o ponto de encontro dos amigos, de diversão e dos flertes. Por isso, sempre requeriam cuidados específicos com a roupa, cabelos e maquiagem. Praça Siqueira Campos era “considerada símbolo ‘fashion’ dessas gerações de lambretas e dos ritmos do iê-iê-iê” (AQUINO, 2009, p.19).

Ai que dia esperado! A semana toda sonhando como iríamos. Vestido novo, cintura baixa, por sinal muito fina, anáguas com bordados, sapatos alto e meia fina, cabelo penteado geralmente de coque, com bastante laquê para não despentear, ou quando não era cabelo pajem. Os olhos muito pintados com lápis e feito a rabisco na ponta do olho, parecendo uma chinesinha, com sobancelhas bem marcadas. (VILLAR, 2009, p. 10).

Este trecho de memória encontra-se no livro, é possível identificar que Villar está se referindo aos anos 50 e Aquino aos anos 60, os jovens continuavam com os preparativos e a ansiedade para que o tão sonhado domingo chegasse e assim poder passear na praça.

Por isso a ansiedade, a pressa em escolher o figurino com antecedência para a próxima ida à praça, ao cinema.

No caso das mulheres que obrigatoriamente, usavam um, e às vezes dois (dependendo de quem morasse mais perto) vestidos novos para cada domingo, uma de suas maiores características era a de ficarem rodando, de braços dados com as amigas até às nove da noite,

aproximadamente, nas passarelas em torno do centro da praça (AQUINO, 2009: 18).

Como já foi posto, a praça tinha em seu entorno cinemas, que exibiam principalmente produções norte-americanas, essa indústria utilizava o conceito “‘estrela de cinema’ que valoriza a figura de seus artistas” (SILVA, 2007, p.114) as estrelas faziam filmes, também faziam comerciais e saíam estampadas nas capas de revistas de moda difundindo o estilo de vida americano e atraindo cada vez o público para as salas de cinema. Era comum o cinema estar cheio porque um determinado ator estava em cartaz, como ainda permanece.

uma vez analisadas as imagens distribuídas pela TV e os tempos que se passa assistindo aos programas televisivos, resta ainda perguntar o que é que o consumidor fabrica com essas imagens durante essas horas [...] o que é que eles “ absorvem”, recebem e pagam? O que fazem com isso? (CERTEAU, 1994, p. 93).

Agora nos resta indagar o que os telespectadores faziam com esses signos e imagens que lhes eram posto nos filmes?

Costumávamos assistir aos filmes e discuti-los, ainda no calor das emoções, na Praça Siqueira Campos. Curtíamos o artista, admirávamos o desempenho da atriz. Analisávamos o enredo, alguns comportamentos e atitudes, às vezes dávamos até outro final. Destes, houve alguns filmes que marcaram época como o Candelabro Italiano, Quando Setembro Vier, Suplício de uma Saudade, E o Vento Levou... Havia ainda os filmes cowboys que eram bem apreciados por todos. O valentão do filme era até imitado (FEITOSA, 2009, p. 116).

A praça servia como esse espaço de discussão entre as amigas sobre o filme, redesenhar do filme se dava logo na saída do cinema, pois as impressões e opiniões estavam à flor da pele e precisavam ser discutidas e assim remodelar o filme com base em seus juízos e valores. Também serviam de fonte de inspiração para os rapazes no requisito de formar outros padrões de comportamento.

Ao usar mais de uma roupa no domingo demonstrava a sua classe social, já que também para que isso acontecesse era necessária uma logística para que a troca pudesse ser efetuada. Mas, logicamente nem todas as moças podiam fazer isso. Embora estejamos falando de famílias com boa posição social, não era possível usar sempre uma roupa nova todos os domingos, mas em comemorações especiais como a festa da Padroeira Nossa Senhora da Penha era comum ter uma roupa nova para todas as noites. Segundo a colaboradora:

As roupas eram mais feitas, pegava aquela revista e mandava fazer por costureiras, inclusive eu tenho uma amiga Dilma que a mãe dela pegava revistas mandava fazer, ela era quem lançava a moda praticamente aqui no Crato (TAL, entrevista concedida 26 de agosto de 2014).

Na época eram poucas pessoas que tinham um aparelho de TV em casa, mas os jornais, filmes e revistas tinham maior circulação entre estes jovens, fazendo assim com que eles tivessem acesso. E então podemos considerar que estes jovens apenas reproduziam estes comportamentos que viam através da mídia da época ou eles o fabricavam de acordo com o seu local de origem, gostos, renda familiar, ferramentas disponíveis?

A “fabricação” que se quer detectar é uma produção, uma poética-mas escondida, porque ela dissemina nas regiões definidas e ocupadas pelo sistema da “produção” (televisiva, urbanística, comercial, etc.) e porque a extensão sempre mais totalitária desses sistemas não deixa aos “consumidores” um lugar onde possam marcar o que fazem com os produtos. A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde a *outra* produção, qualificada de “consumo”: está é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar como produtos próprios mas nas suas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante (CERTEAU, 1994, p.39).

Assim os jovens quando viam um filme ou a mocinha do cinema estampando o comercial de uma determinada marca na revista, esta produção não deixava espaço para que naquele momento existisse uma troca, não era possível deixar ou registrar a sua marca, pois ele era visto apenas como espectador/consumidor.

É justamente nesta fala da colaboradora que se evidencia que os jovens tinham suas formas de resistência, de burla dos mecanismos. Eles se apropriavam e a reutilizavam da maneira que lhe era interessante e possível no seu contexto. Fazendo o que podemos chamar até mesmo de um desenho por cima da imagem. Ou seja, ele muda o que lhe foi posto ele o redesenha.

Na última tertúlia da AABB foi promovido um desfile de penteados, pelas alunas da quarta série do ginásio Ana Couto. Participaram do desfile as elegantes senhoritas: Lastênia Araújo, Eneida Saldanha (colunista), Tereza Lisieux, Ana Benvida e Tereza Mota (Jornal A Ação, 24 de setembro de 1966, p. 7).

E mudavam, por exemplo, um penteado, um vestido longo: ao fazer pequenas alterações em cortes, e tamanho do vestido. Para que servissem nos passeios

na praça, para que não atrapalhassem os passos que eram dados quase que no mesmo ritmo pelos grupos de amigas que volteavam todas de braços entrelaçados, que uma vez ou outra lançavam seus olhos sobre os rapazes que ficavam no entorno da praça e que quando por um segundo os olhares se cruzavam sentiam as maçãs do rosto entregarem suas emoções.

Havia ainda os dias excepcionais da praça. As festas com os grandes cantores do momento que eram organizadas pelos comerciantes locais.

Havia os magníficos shows de grandes proporções que as casas comerciais organizavam, a fim de atraírem as pessoas e determinados produtos, como as das Máquinas Vigoreli. Armavam-se palanques para shows de cantores mais populares e requisitados nas paradas de sucesso como Nelson Gonçalves. Luiz Gonzaga, Ângela Maria, muitos outros. A praça ficava lotada, pois todos queriam vê-los. Era possível encontrarmos adultos, crianças e até idosos. A programação era para toda a família. Os pais embevecidos com a música liberavam as filhas que aproveitavam para marcarem encontros, conversar com os rapazes, flertar, ou namorar. As mães soltavam as crianças, as quais faziam outro tipo de festa. Ora correndo e brincando no meio da multidão, ora saboreando, como todas as outras gerações, sorvetes e pipocas ou guloseimas vendidas na praça. As crianças mais ousadas até subiam no palco para tocar e ver mais de perto o cantor e os organizadores do evento. Todos se divertiam. Era um acontecimento comentado por vários dias (FEITOSA, 2009, p. 112).

Esses dias em que todos, principalmente os adultos, estavam animados e acabavam esquecendo-se de vigiar e controlar os jovens que acabavam aproveitando e colocando em práticas suas táticas que tinha por fim “a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a ‘ocasião’” (CERTEAU, 1994, p. 47). Nesse caso as crianças e jovens aproveitavam este momento em que os olhos dos adultos estavam vidrados nos cantores e acabam por fazer e sentir outras aventuras que iam contra a lógica dos outros dias. O subir no palco para ver o artista, o beijo roubado no escurinho nesses dias era executado e sem nenhum tipo ou forma de penalidade para os envolvidos.

Com isso podemos compreender ato de ir à praça, cinemas, e festas apenas como um dado pronto e acabado em si. “Ir ao cinema é prática codificada e datada. Não apenas traduz um hábito, mas revelam as formas de frequência e distinção social, fruição estética, imaginações sobre a diversão e a cultura” (SCHAVARZMAM, 2005, p.154). Assim, devemos entender como um comportamento social e que com o passar

dos anos suas relações e os padrões de convivência vão sendo modificados e/ou reproduzidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aconteceu de forma leve e prazerosa, por alguns motivos: a Praça Siqueira Campos por quase dois anos (2012-2013) fazia parte do meu percurso de casa até à Universidade Regional do Cariri- URCA; nesse tempo vi os taxistas e vendedores ali trabalhar; também vi a reforma da praça, que na verdade não vi, já que estava envolto por tapumes; vivi a praça como frequentadora dos vários eventos que animavam e animam o centro da cidade nos finais de semana.

O espaço físico não era desconhecido para mim, já a memória dos seus antigos frequentadores sim, era desconhecida. E ao fazer esta pesquisa foi como se eu tivesse pisado no chão da Siqueira Campos duas primeiras vezes. Uma vez com os meus pés e a outra primeira vez a partir da memória dos frequentadores de outrora. E ao fazer isso percebi o quanto a rotina massacrante ou inebriante dos goles partilhados não nos deixa lançar um olhar um pouco mais reflexivo sobre o espaço frequentado.

E que com o desprendimento do olhar que tudo vê, mas nada enxerga que foi entendida a Praça Siqueira Campos não só como um lugar do centro urbano da cidade de Crato, mas como um espaço que porta significados, história, memória e que ajuda a moldar a identidade dos que a frequentaram e frequentam.

Como sabemos a memória é fruto da experiência e do coletivo, é um direito, e é formadora do sentimento de pertença e assim cabe a nós professores/historiadores da região utilizar os espaços, os relatos, os moradores, as reformas, o descaso com o patrimônio para “falar” sobre o passado da cidade, para que o aluno passe a reconhecer e conhecer a sua localidade. E que estes temas possam servir para pesquisas futuras.

Podemos concluir em linhas breves que entre as calçadas da Siqueira Campos, seus bancos e entorno serviu de palco para que as tramas se desenrolassem, para que o espaço servisse de refúgio e que todos fossem cúmplices do que era ser jovem em uma cidade interiorana que tinha os olhos voltados para os comportamentos. E que este espaço foi lugar para por em prática suas táticas e astúcias e assim ter a praça não só como um espaço, mas como uma confidente das aventuras vividas em um tempo sacralizado na memória de quem o viveu. Onde acontecem eventos importantes da vida e história da cidade e seus habitantes.

As praças nascem da necessidade que o homem tem de se socializar e descansar. E o que para algumas pessoas que podem lançar o olhar e ver apenas as pessoas sentadas nos bancos, para os historiadores ao contrario do que se imagina, essas pessoas não deixaram passar a vida e, sim fazem a vida das cidades. E que isso possa servir de inquietação para as futuras pesquisas sobre a cidade do Crato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Iarê Lucas. **“Ao sopé da serra entre o canaviais”**: a cidade do Crato nos 40 a 60. Da linha do trem pra lá: O discurso sobre a prostituição na cidade de Crato (1940/1960). Dissertação de Mestrado em História Social. Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000. p. 17-23.

BOSI, Ecléia. Memória e interação. In: **memória e sociedade**: lembranças dos velhos. São Paulo. Companhia das Letras, 1992. p. 405- 422.

CERTEAU, Michel de. Introdução Geral. In: **Invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 37- 53.

CORTEZ, Antônia Otonite de Oliveira. **A construção da “cidade da cultura”**: Crato (1889-1960), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, 2000.

FOUCAULT, Michel. O corpo do condenado. In: **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 9-34.

GOMES, Nilo Sérgio. Em busca da notícia: memórias do Jornal Do Brasil de 1901 in: RIBEIRO, Ana Paula Goulart e FERREIRA, Lúcia Maria Alves. **Mídia e memória**: a produção de sentidos nos meios de comunicação, Rio de Janeiro: Mauad X, 2000. p. 179.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **História e Memória**. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. p. 535-549.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História**. Manual de história oral. Edições Loyola: São Paulo, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: **Revista Brasileira de História**, vol. 27, nº 53, 2007. p .11- 23.

_____. História, memória e centralidade urbana. **Rev. Mosaico**, v.1, n.1, jan./jun., 2008. p.3-12.

REIS JR, Darlan de Oliveira. **Natureza e trabalho no cariri cearense**. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, ANPUH- São Paulo, julho 2011. P. 1- 14

SCHAVARZMAM, Sheila. Ir ao cinema em São Paulo nos anos 20. In: **Revista Brasileira de História**. vol.25, n.49., 2005, p.154.

SILVA, Márcio Inácio da. **Nas telas da cidade:** salas de cinema e vida urbana na Fortaleza dos anos de 1920. Fortaleza: UFC, Dissertação de Mestrado, 2007.

FONTES

AQUINO, Roberto Jamaru. Praça Siqueira Campos. In: **Anos Dourados:** Praça Siqueira Campos. Fortaleza: A província, 2009. p. 15-19.

TAL, Fulana de. **Entrevista I.** [agosto de 2014] Entrevistador: Maria Daíse Felipe de Oliveira. Crato, 2014.

Feitosa, Zânia Maria Alencar Cunha. Praça Siqueira Campos no Crato. In: **Anos Dourados:** Praça Siqueira Campos. Fortaleza: A província, 2009. p. 109- 117.

TAL, Fulano de. **Entrevista I.** [junho de 2012] Entrevistador: Maria Daíse Felipe de Oliveira. Crato, 2012.

Jornal A Ação, ano de 1967. Disponível no Centro de Documentação do Cariri - CEDOCC, Universidade Regional da Cariri.

VILLAR, Clymene. Voltando ao passado: Anos Dourados. In: **Anos Dourados:** Praça Siqueira Campos. Fortaleza: A província, 2009. p. 9-11.